

Nietzsche, Cura & Psicanálise

NufôFilô (Núcleo de Fomento à Filosofia)

Edição de Eduardo Lara, Fabiana Hueb e Joaquim Pereira Jr.

QUATRO DE ABRIL DE DOIS MIL E DEZOITO. Dezessete e trinta. Auditório do Instituto Sedes Sapientiae. É dois mil e dezoito. O evento era *Nietzsche sob o interesse da Psicanálise: trieb, inconsciente e “cura”*. Muitos já haviam falado. Muitos já haviam se calado. Aline Turnowski já havia falado, apresentando o evento. Eduardo já havia falado, situando nossa leitura do Núcleo: a partir de que águas as convidadas navegariam para onde quisessem, para mexer com nosso barco mesmo. Scarlett Marton já havia falado. O Comandante do Exército Brasileiro havia falado demais (um dia antes)¹. Naquele exato momento, ministros do STF falavam os mais longos Sim’s ou Não’s da história deste país. O Não prevaleceu. Tempos de não, em nome do Bem. Não é mil, novecentos e sessenta e oito. Nietzsche morreu. O filósofo da afirmação, “filosofia é esse impulso tirânico mesmo”. Nas perguntas/diálogo com Scarlett, antes de Vera Warchavchick falar, um rapaz de verde – cor de esperança – fala: “Mas e a cura? O nome do evento é *trieb*, inconsciente e cura”. Scarlett desviou, cansada; foi pedido a ele para que esperasse a fala da Vera, que talvez nos trouxesse mais subsídios ainda para pensarmos a respeito. Ele não esperou. A pergunta ficou ao vento e ao relento. Ela é provocadora da Psicanálise, condensa a moral platônica-cristã do caminho ao Bem,

1 General Villas Boas, no Twitter às 20:39h de 03 de abril de 2018, noite anterior ao julgamento do *Habeas Corpus* do ex-presidente Lula pelo STF: “Nessa situação que vive o Brasil, resta perguntar às instituições e ao povo quem realmente está pensando no **bem** do País e das gerações futuras e quem está preocupado apenas com interesses pessoais? [...] Asseguro à Nação que o Exército Brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de **bem** de repúdio à impunidade e de respeito à Constituição, à paz social e à Democracia, bem como se mantém atento às suas missões institucionais.”

do Mal no outro, e etc. Afinal, que cura? Uma cura como se se livrasse de algo, livrai-vos do mal, amém, livrai-vos da doença? Os ventos sopram aqui dentro. E, então, este texto é uma tentativa de elaboração das questões suscitadas, nesta noite, pelas falas das convidadas Scarlett Marton e Vera Warchavchik, e das pessoas de verde – do general e do colega da plateia.

Somos psicanalistas; somos psicanalistas estudando Nietzsche. Somos: primeira pessoa do plural, presente do indicativo, verbo “ser”. Somos psicanalistas, mas como estudamos Nietzsche, não há como não levantarmos muitas questões com o verbo ‘ser’, com a lógica do tempo de Cronos, com passado, presente e futuro; e, enfim, com o que é a primeira pessoa, por exemplo, o Eu: não é qualquer palavra para este grupo.

A questão do homem de verde nos provoca enquanto psicanalistas que “somos”: “Mas e a cura?”. Vamos pensar irresponsavelmente, ou melhor, de maneira irreverente, tratando de não reverenciar um ou outro pensamento.

Este grupo nasceu muito atento à demasiada preocupação entre nossos colegas (nos incluímos, claro), que se materializam em falas do tipo “(Eu) vou melhorar o paciente”. “Eu melhorar o outro?”: tentáculos daquela linha de cura. Que prepotência, que traição à “nossa filosofia”, à Psicanálise! “*Mas esta é uma antiga, eterna história: [...] sucede ainda hoje, tão logo uma filosofia começa a acreditar demais em si mesma. Ela sempre cria o mundo à sua imagem.*”². Dizem que o Freud pré-Guerra era mais otimista em relação à cura do que o “Freud pós-guerra”, mais firme em um projeto Iluminista, mais próximo desta “melhora”. Melhorar? Que surto é esse? Vamos abrir logo esta palavra: lá dentro, quantos (pre)ssupostos, (pre)conceitos, (pre)juízos: pois se vai melhorar alguém é porque crê, julga e valora que estava ruim ou mal; se vai caminhar ao melhor, vai para uma ideia de Bem; se sou Eu que *faço* o Outro, o sujeito está aqui em mim e o *faço* de objeto. Que traição! Um psicanalista messiânico mora aqui, quem diria... Este Bem objetivo, esta essência, mora no mesmo condomínio fechado do que o *Duce*, que o *Fuhrer*, talvez. E o divã vira facilmente a mais bem arrumada cama de Procusto. Estamos sim preocupados, pois se for para se ocupar de prometer “melhora”, há quem faça melhor do que um psicanalista. Como retomar a radicalidade da questão trágica freudiana? Por isso, nos sentamos com Nietzsche.

Após a fala de Scarlett – e após ler Nietzsche, como temos feito em nosso grupo – é difícil não notar que este tipo de “cura atrelado à “vontade de melhora” é uma sedução da vontade de potência para as trilhas morais que

2 Nietzsche, aforismo 9 de Além do Bem e do Mal. São Paulo: Cia das Letras, 2005. Trad. De Paulo César de Souza.

acabam reforçando a dicotomia entre Bem e Mal, e não para além de bem e mal. Acaba por ser um obstáculo à experimentação do si-mesmo nietzschiiano: o corpo. Como pensar uma cura além deste registro?

Se é perceptível a distância do “Freud pré-guerra” daquele “Freud pós-guerra”, com uma virada ao fator econômico – o que o aproxima de Nietzsche e sua concepção de vida enquanto luta de impulsos – e o estranho e magistral conceito de pulsão de morte, lembremos também que, antes, bem antes, na parte III dos Estudos sobre a Histeria (1893-95), ele já anunciava que o limite do tratamento psicanalítico seria sair da miséria neurótica para entrar na infelicidade (!) comum. Ou seja, o tal otimismo não estaria tão alinhado ao caminho do Bem, da ideia de cura digna do platonismo, a um “chegar lá” pronto e acabado, próximo ao que Vera nos apontou como uma “plena realização por parte destes empresários de si mesmos” sobre seus projetos.

Então, qual seria a cura sobre a qual poderíamos falar, quando somos atravessados por Nietzsche enquanto médico da civilização? Alguns psicanalistas evocam a imagem do queijo *curando* para contrapor, talvez, aquela cura próxima ao “ficar bom”, idealista e traidora da Psicanálise, mas que seduz com sua oferta de poder. Deixemos esta imagem do queijo e fiquemos com Nietzsche e suas consequências trágicas – no melhor sentido da palavra. Deus está morto. Isto traz Liberdade ou Desamparo? Deus, aqui, é metáfora da “moral platônico-cristã”, que exerce, nas possibilidades da vida humana, uma pressão cristã-eclesiástica de milênios. Isto é o que morreu: uma ideia que nos serve de paradigma, que nos marca culturalmente, a fim de valorarmos a alma diante do corpo, a crença no eterno, em detrimento do aqui e agora, a verdade em relação à mentira; e onde se “cola” o Bem.

Essa ideia acaba por retirar potência da vida do corpo, esta que vivemos aqui e agora: a única que há, para Nietzsche. “O que é do corpo é pecado”, diz o padre. Viver a vida em seu lugar de excelência é pecado. “Cristianismo é o Platonismo para o povo”. Com isto - Deus morto -, temos Liberdade ou desamparo? Liberdade e desamparo! Sem dualismos. É o ‘e’ e não o ‘ou’ a lógica do inconsci... ops, a lógica da vida. O resto é sedução das palavras. Só um desamparado seria capaz de experimentar a liberdade; por isso seria preciso proteger estes fortes dos fracos. É forte quem se depara com a fragilidade, quem experimenta o limite do si-mesmo, para além das balizas ‘pré-supostas’. É diante da morte que nos deparamos com a afirmação da vida. Uma luta de impulsos (*trieb*), eis a vida: que não quer fazer cura de queijo, nem cura alguma. A cura do queijo tem propósitos demais para não ser ainda uma sedução para a traição da Psicanálise. Nós vamos à morte, e ponto. É um erro de cálculo ocidental (platônico-cristão) contrapor a vida à morte. O Outro

da morte não é a vida, mas o nascimento: a vida é só o modo de caminhar até ela. Vai rir? Vai chorar? Vai investir na alma? Não sabemos quanto podemos esperar do verde da esperança da camiseta do moço que fez a pergunta. É um erro de cálculo ocidental termos Freud e a Psicanálise como caminho de cura, o que não significa que vamos empossar o Oriente como o novo Deus. Deus está morto. Vamos à luta; retornemos à Nietzsche e pensemos em uma *cura* que se localize para lá de bem e mal, para lá de ‘melhora’ ou coisa parecida. A Psicanálise não precisaria voltar por Nietzsche para fazer análise, que é crítica, mas por que não, se já há muitos vícios de pensamento psicanalítico, ao ponto de um psicanalista querer melhorar o outro?

Pensamos que esta “outra cura” estaria mais atrelada ao que Scarlett colocou em sua fala como o *atravessamento Niilista* e suas duas faces após “a morte de Deus”: por um lado, atravessar o Niilismo Cristão – que recalca o corpo e o aqui e agora do sentido da vida, retirando a própria vida da vida: “abra mão agora para viver eternamente depois, como alma” – e por outro, o Niilismo suicida – que é aquele que, constatando que a vida não tem sentido algum, se joga em um precipício. Viver é caminhar: caminha! Novamente: este atravessamento é o confrontar-se com o trágico, ver a face da vida como a luta sem trégua, sem termo e sem meta, que só termina na morte, e desembocar no dionisíaco, na liberdade que o desamparo traz, para mergulhar na surpresa. Afinal, é assim. Isto traz consequências a todos nós, psicanalistas ou não. Não à toa Nietzsche vê o surgimento – após esses tempos de morte de Deus – de uma Grande Política, do Além do Homem, da Grande Saúde, etc. O limite, não se sabe de antemão. Caminha, e depois saberá até onde foi; o limite vem na experimentação. Queremos pensar a Psicanálise assim; e caminhar com ela. Principalmente porque só assim deveríamos ser dignos do nome “psicanalistas”. Lembram do verbo “ser”? Ser psicanalista é não ser portador de uma essência; é um movimento infinitesimal de diferenciação. Caminha. Menos para a cama de Procusto, mais para as caminhadas de Zaratustra.

Claro: o mito do homem curado enquanto “estou bom” tem a mesma raiz do mito da paz social; aqueles sujeitos que veem a possibilidade de empreender uma pacificação dos impulsos, como se o Eu fosse senhor da luta, e não somente um mero espectador (irrisório, diga-se de passagem) dentro de um campo de luta, ou mesmo um efeito dela. E já é ser generoso demais para com Ele: Ele existe? Dizem que morreu. “Precisamos nos libertar da sedução das palavras! Da gramática!”. Se falo Eu, Eu existe.

O curado não pode fazer política. Ele é isento, ele domina os impulsos. Ele não se vê sujo de parcialidades que não estão lá porque Eu quero, mas porque Ele – o impulso – quer. O Messiânico, o Bolsonaro, o Lula, etc, todos

eles moram aqui dentro. O outro está aqui dentro. Outro/estranho/estran-
geiro, na mesma raiz etiológica; ocorre que “o estranho” é “o familiar” que o
Eu não gosta.

Assim, está dada a largada para uma concepção de cura fora das balizas
ocidentais que, por séculos, nos pressionam. A nós, que nos pretendemos
chamar de psicanalistas, cabe correremos o risco. Aos fortes, não há como
conceber a “cura” como aquele momento mítico em que o mal estará expul-
so. O mal é palavra, é gramática, e o Bem é seu índice, assim como o chão
molhado é índice da chuva. Enquanto a fraqueza retorna com força, vemos
o mundo sofrendo de Bem demais, e falindo, e dobrando as apostas para,
em nome dele, fazer as maiores barbaridades. Já disse anteontem o cara de
verde, em nome dos cidadãos de Bem e para o Bem do país. O cara de verde
de ontem, talvez um psicanalista pensando sobre a cura, trabalharemos para
que não. Porque o cidadão curado e de bem está parecido demais com o aria-
no. Deus acima de todos? Deus está morto!

...

Fevereiro de 2019:

Reafirmamos nossas preocupações: ouvimos propostas do choque elétrico
organizador da mente, esteja ela, a mente, onde estiver; o que nos atenta, no-
vamente, para uma tentativa de restaurar um parâmetro-guia que promove o
dualismo, valora de Bem o normal e enclausura a loucura no mal. Seria uma
tentativa de restaurar a metáfora de Deus, propor o regresso do morto, sua
ordem? A ver, se o Messias está no poder.